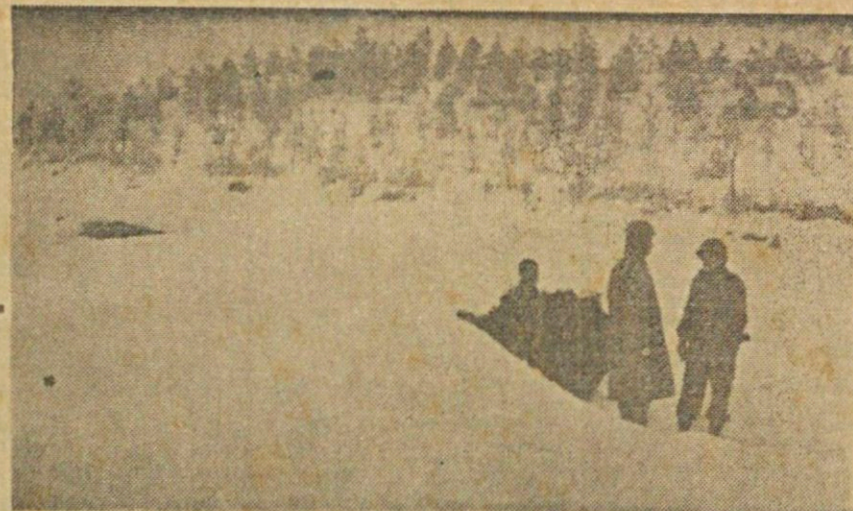




Reportagem de JOEL SILVEIRA — (Ex-Correspondente de Guerra na frente italiana)



Fevereiro de 45; 19 graus abaixo de zero.

A conquista de MONTE CASTELO



Da esquerda para a direita, os generais da FEB: Falconière, Zenóbio da Costa (Infantaria), Mascarenhas de Moraes e Cordeiro de Farias (Artilharia).

Exatamente 7 meses e 19 dias foi quanto durou a guerra da FEB: de 16 de setembro de 44, quando um batalhão do 6.º Regimento de Infantaria iniciou a marcha, na frente do Rio Serchio, que redundaria na conquista da povoação de Camaiore, até 2 de maio de 1945, quando a ordem de cessar fogo, vinda do IV Corpo de Exército norte-americano, ao qual estava subordinada a Força Expedicionária Brasileira, deteve o 3.º

Como aconteceu com toda unidade combatente, a história da FEB, na guerra da Itália, está repleta de datas não apenas gloriosas, mas também amargas. Acredito que se alguém perguntasse, hoje, ao Marechal Mascarenhas de Moraes qual no seu entender fora o dia mais negro da campanha da FEB, a resposta do ex-comandante dos "pracinhas" certamente seria esta:

— 12 de dezembro de 1944.

Data profundamente triste para os soldados brasileiros, que naquele dia, com o recuo dos II e III Batalhões do I Regimento de Infantaria (Sampaio) diante dos alemães, viam frustrada pela terceira vez a esperança de conquistar Monte Castelo antes do inverno; e data mais amarga ainda para o próprio General Mascarenhas de Moraes, que ainda naquela noite, convocado ao Quartel-General do IV Corpo de Exército Americano, ao qual a FEB se achava subordinada, tivera que explicar de viva voz ao General Willis Dale Crittenger os motivos do novo insucesso dos soldados brasileiros. Deve ter calado fundo no coração e no orgulho do General Mascarenhas de Moraes aquela pergunta que lhe fizera, na sua maneira ríspida, o General Crittenger: "Acredita o senhor, General Mascarenhas, que falta capacidade ofensiva aos soldados da sua Divisão?"

— Não, General. Os soldados brasileiros vieram à Itália para combater. Estão combatendo, e combaterão até o último dia desta guerra.

Naquela madrugada mesma, o General Mascarenhas de Moraes, no seu pequeno quarto do Quartel-General Avançado da FEB, em Porreta Terme (nos Apeninos), escreveria uma longa carta ao comandante do IV Corpo, detalhando, por escrito, os motivos, já dados verbalmente na noite anterior, pelos quais a FEB não vinha conseguindo desalojar do cume do Castelo a poderosa unidade alemã (parte da 231.ª DI) que lá mantinha as suas privilegiadas casamatas. Dizia o General Mascarenhas, num trecho de sua carta, hoje arrolada entre os documentos capitais da história da FEB:

"Antes de tudo eu deseje assentar a minha resposta na seguinte compreensão: a capacidade ofensiva de uma tropa repousa no aparelhamento dos meios, na sua instrução, num pedido de esforço adequado à frente de combate e na experiência de guerra. Os meios materiais da Divisão estão hoje em situação normal. A sua instrução foi simplificada mediante a condição de que poderia completá-la em situações apropriadas de combate. Recebeu, no vale do Reno, um grande setor defensivo, onde cerrou ativamente o contato com o inimigo. Logo em seguida, atacou por duas vezes, nas condições seguintes: — posições organizadas; — terreno exclusivamente favorável ao inimigo (grandes alturas, em qualquer parte, na mão do inimigo); — em virtude da grande frente, não pôde, nas duas vezes, fazer uma concentração

Batalhão do 11.º Regimento de Infantaria na localidade de Vercelli, no Vale do Pó, nas proximidades de Novara.

Entre todos os feitos da FEB, na campanha da Itália, destaca-se a conquista de Monte Castelo, iniciada a 21 de fevereiro de 1945 e consumada no dia seguinte — exatamente há 23 anos. Antes de ser conquistado, Monte Castelo resistiu a quatro assal-

tos dos expedicionários brasileiros, nos quais encontraram a morte dezenas de "pracinhas".

Nesta e na reportagem de amanhã, JOEL SILVEIRA, que foi Correspondente de Guerra junto à FEB, e, nessa qualidade, assistiu à queda de Monte Castelo, conta como se deu aquele grande feito do nosso corpo expedicionário que participou diretamente da II Guerra Mundial.

de esforços para uma ação ofensiva correspondente à missão recebida". E re-matava o comandante dos "pracinhas": "Não posso, portanto, dizer a V. Exa. que a minha Divisão não tem capacidade ofensiva".

Era preciso, portanto, que a FEB mostrasse a sua "capacidade ofensiva" — e aquele 12 de dezembro, de tão triste lembrança na história da campanha da FEB — campanha que se revelaria tão brilhante a partir do dia 21 de fevereiro de 45 — arraigou ainda mais no General Mascarenhas de Moraes a convicção de que a conquista do morro lúcido era uma questão de honra para os soldados sob seu comando. Os alemães de Monte Castelo teriam de ser derrotados de qualquer maneira pelos "pracinhas" brasileiros — e somente por eles.

...

Em princípios de novembro de 44, a Força Expedicionária Brasileira deslocava-se da frente do Rio Serchio, no setor Luca-Pietrassanta, onde vinha combatendo desde setembro, para a frente do Rio Reno (não confundir com o Reno alemão), na cordilheira apenina. Na frente do Serchio, em menos de dois meses de combate, a FEB tivera 13 mortos, 87 feridos e 215 acidentados.

Na frente do Reno, o Quartel-General avançado do General Mascarenhas foi instalado na pequena cidade de Porreta Terme, cercada num vale estreito, em plena cordilheira apenina. Em torno das tropas brasileiras que estenderam sua frente de combate por mais de 15 quilômetros, os alemães formavam quase que um círculo, dominando todas as alturas em derredor, os cumes mais estratégicos. Entre o monte Belvedere, a oeste, e o monte Della Vedetta, a leste, o inimigo detinha posições privilegiadas, erguendo diante dos expedicionários brasileiros uma parede de montanhas, e submetendo-os a uma vigilância diuturna. Além do mais, já naqueles primeiros dias de novembro, o inverno italiano se pronunciava dos mais rigorosos. O frio era intenso. As chuvas, contínuas, haviam transformado as estradas, severamente castigadas pelos aviões aliados, em rios de lama.

Do alto de suas grimpas, toda uma Divisão alemã tinha os olhos sobre os "pracinhas" brasileiros, acudados lá em baixo, naquele corredor apenino. E entre as alturas dominadas pelos alemães, uma se destacava pela sua posição estrategicamente privilegiada: o Monte Castelo. Não fosse ele dominado, e seria impossível às forças do IV Corpo de Exército executar a marcha em direção a Bolonha, objetivo que o General Mark Clark pretendia atingir antes que comessem a cair as primeiras neves do inverno próximo. Coubera, assim, à Força Expedicionária Brasileira, naquele fim de outono e em todo o inverno que se seguiria, a responsabilidade de defender e dominar talvez o setor mais difí-

cil de toda a frente apenina. Para cumprir tal missão, tão espinhosa, a FEB, tropa ainda bisonha e mal treinada, e até mesmo mal vestida e mal municiada, teria muito o que aprender. Mas o tempo era escasso — e as ordens do comando do V Exército, transmitidas ao General Mascarenhas pelo comando do IV Corpo, foram taxativas: Bolonha teria que ser conquistada antes do Natal, e para que isto fosse possível, cabia à FEB remover do caminho das forças aliadas o incômodo obstáculo que era o Monte Castelo.

...

O General Mascarenhas de Moraes instalou-se em Porreta Terme (que antes da guerra, como hoje, não era mais do que uma tranqüila e idílica estância terminal) no dia 6 de novembro de 1944. E já três dias depois, os soldados brasileiros substituíam na frente do Reno a 1.ª Divisão Blindada norte-americana, que se retirava para descanso, na retaguarda, depois de muitos meses de luta. No dia 24, o Esquadrão de Reconhecimento e o III Batalhão do 6.º Regimento de Infantaria da FEB juntavam-se à "Task Force 45", norte-americana, para a primeira ofensiva contra o Monte Castelo. A princípio, a operação fora bem sucedida, chegando mesmo elementos da "Task Force" a alcançarem o cume do Castelo, depois de se apoderarem do Monte Belvedere, ao lado. Mas a contra-ofensiva dos soldados da 23.ª Divisão de Infantaria alemã, que defendiam Castelo e o Monte Della Torracia, foi violenta e fulminante, obrigando os soldados norte-americanos e brasileiros a abandonarem as posições já conquistadas. Somente o Monte Belvedere não foi devolvido. Os dias 24 e 25 de novembro, datas da primeira tentativa de conquista do Castelo, marcam o início da segunda fase da luta da FEB na Itália — a mais cruel, a mais exigente, a mais penosa e, também, a decisiva. Desses primeiros contatos com o inimigo, na frente do Reno, amargas lembranças trouxe o III Batalhão do 6.º Regimento de Infantaria (de Caçapava, que ali deixaria os primeiros 109 mortos que o Regimento teria na campanha da Itália. E preciso acrescentar que nos ataques dos dias 24 e 25 de novembro o comando das operações da tropa mista (brasileiros e norte-americanos) não coube ao General Mascarenhas mas ao General de Brigada Paul Rutledge, o comandante da "Task Force 45".

...

Mas o segundo assalto ao Castelo, planejado para o dia 29, apenas quatro dias após os primeiros insucessos, seria da plena e total responsabilidade da Força Expedicionária Brasileira, que te-

ria a ajuda apenas de três pelotões de tanques norte-americanos. Para esse segundo ataque, o comando da FEB organizou um Grupo, composto do I Batalhão do I Regimento de Infantaria (o carioca Sampaio), o III do 6.º Regimento, já provado na primeira investida, e o III no 11.º Regimento (de São João del Rey), sob o comando geral do General Zenóbio da Costa, comandante da Infantaria Divisionária Brasileira. Essa tropa, no seu avanço, teria, ainda, a cobertura de dois Grupos de Artilharia brasileiros e possivelmente de um Grupo de Artilharia do IV Corpo.

Um amargo imprevisto, porém, se verificaria naquela noite do dia 28, véspera do segundo ataque ao Monte Castelo: em inesperada e fulminante ofensiva, as tropas da 232.ª Divisão de Infantaria alemã expulsariam os norte-americanos do Monte Belvedere, conquistado quatro dias antes, deixando, assim, descoberto o flanco esquerdo da FEB. Pensou o comando da FEB em adiar o ataque para os dias seguintes, na esperança de que o Belvedere fosse reconquistado, mas isso não seria mais possível, em vista de as tropas já se acharem nas posições das quais inflamar o ataque. As 7 horas da manhã do dia 29, tinha, assim, início a segunda ofensiva brasileira contra o Monte Castelo. As condições do tempo eram as piores possíveis. Chuva, céu encoberto, o que dificultava, e chegou a impedir a atuação da força aérea, e lama, o que praticamente anulava a ação dos tanques.

"Até o meio dia — conforme narra o General Mascarenhas de Moraes em seu livro "A FEB pelo seu comandante" — tudo parecia indicar bom êxito para o Grupo do General Zenóbio, porquanto o Batalhão do Major Uzeda (1.º do 1.º Regimento de Infantaria) progredia regularmente, embora já possuísse alguns elementos detidos, e o Batalhão do Major Cândido (III do 11.º Regimento) estava mui próximo do seu objetivo". Mas o contra-ataque alemão não tardaria, e praticamente uma hora após o avanço das tropas brasileiras era barrado pelos soldados alemães do 1043, 1044 e 1045 Regimentos de Infantaria. E no fim da tarde, os dois batalhões brasileiros voltavam às posições de onde haviam iniciado o seu ataque, sem que em sua ajuda, devido às condições do tempo, pudessem intervir os tanques e os aviões.

W o valoroso
exercito brasileiro

W o valoroso
exercito brasileiro

Nos lugares do norte italiano que os brasileiros iam conquistando, a nota constante eram as saudações amigáveis da população civil.



O serviço de manutenção da FEB, entre dezembro de 44 e fevereiro de 45 teve papel destacado. Entre seus caminhões e os combatentes, um mar de neve.